

José Miguel Raimundo Noras

Licenciado em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC), desde 2005. Foi membro do Conselho Directivo da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e da Assembleia da Universidade. Foi membro do Núcleo de Estudantes de Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (NEFLUC), colaborou com a Comissão Organizadora da Queima das Fitas, em 2004 e em 2005. Esteve ligado à génese do I Encontro Nacional de Estudantes de História (ENEH, Coimbra 2005), em cuja organização colaborou. Fez parte do Conselho Consultivo da Comissão Organizadora do II ENEH (Santarém, 2007). Foi colaborador do jornal “A Cabra” e chefe de redacção da revista “RELER – Revista dos Estudantes da Faculdade de Letras”. Autor do seminário de licenciatura “O crepúsculo da memória na sociedade contemporânea – que limites éticos para os discursos memorativos?”, tendo vindo a participar com comunicações em vários encontros, conferências e jornadas nas áreas da história e do património. Colaborou, regularmente, em várias publicações periódicas, como por exemplo: no jornal O Ribatejo ou na revista Nazaré InForma. Entre 2006 e 2007 foi estagiário do Museu Rural e do Vinho do Concelho do Concelho do Cartaxo. Em Março de 2008 foi-lhe atribuído o Prémio do III ENEH (Évora, 2008), na categoria de História da Arte, com a obra “Cenas da Vida de um Cine-teatro – o Teatro Rosa de Santarém”. Encontra-se presentemente a realizar o mestrado em História da Arte, na FLUC, com a dissertação “Amílcar Pinto e arquitectura portuguesa da primeira metade do século XX”. Desde Abril de 2009, exerce funções de Formador, na área da Cidadania e Profissionalidade, no Centro de Novas Oportunidades do ISLA de Santarém.

A PROPÓSITO DE UMA EXPOSIÇÃO SOBRE AMÍLCAR PINTO: IDÉIAS DE MUSEU NA CIDADE

José Miguel Raimundo Noras

Resumo

De início, propomos uma apresentação sumária da obra do arquitecto Amílcar Pinto, a qual foi objecto de uma recente investigação, bem como da metodologia utilizada na mesma. Pretendemos, depois, reflectir sob a forma pela qual a investigação sustenta a abordagem expositiva das nossas propostas.

Neste caso, trata-se de um projecto de divulgação do espólio de Amílcar Pinto (recém-descoberto), através da realização de uma exposição temporária. A concepção da exposição prevê a sua realização no interior de uma das obras do arquitecto — designadamente o *Café Central* de Santarém (actualmente encerrado ao público). Desta forma, o espaço, enquanto obra de Amílcar Pinto, assume-se também como objecto do programa expositivo.

De ponto de vista teórico, propomos que esta experiência possa servir para duas linhas de reflexão. A primeira, vinculada ao espaço expositivo. Problematizando as formas e as possibilidades de o “museu vir à cidade”, realizando as suas actividades em diferentes espaços do quotidiano.

A segunda abordagem relaciona-se com objecto da exposição. Na realidade, para além da obra, a exposição programada pretenderá também vislumbrar a vida e o quotidiano de Amílcar Pinto. Nesse sentido, equacionamos como esta abordagem se poderá relacionar com experiências mais recentes no campo da museologia.

Palavras-chave: Amílcar Pinto, Museu e Cidade, Museu e Quotidiano, Projecto, Exposição

Abstract

We propose a brief presentation of the work of architect Amílcar Pinto, which was the subject of a recent research, and also the methodology we used. Then we intend to reflect on the way which the research supports the approach of our exhibition proposals.

Therefore this is mainly a project for spreading knowledge on Amílcar Pinto (a rediscovered architect) by the construction of a temporary exhibition. The model of this event foretells the creation of the exhibition inside of one of the works of the architect - the Café Central in Santarem (currently closed to the public). In this way we assume the architectural space, while a design of Amílcar Pinto, as an object of the exhibition program.

From a theoretical viewpoint we propose that this experience can serve to two lines of thought. The first linked to the exhibition space. Discussing ways and the possibilities of the "museum come to town" and holds its activities in different spaces of everyday life. The second approach is related to the subject of the exhibition. In fact, besides the artistic work we also want to show a glimpse of everyday life of Amílcar Pinto.

Keywords: Amílcar Pinto, Museum and Urban places, Museum and Day-to-Day Life, Project, Exhibition

“A propósito de uma exposição sobre Amílcar Pinto ideias de Museu na cidade”

José Raimundo Noras

Amílcar Marques da Silva Pinto nasceu em Lisboa, no ano 1890. Trabalhou no serviço público entre 1918 e 1946, em diversos ministérios. A primeira fase da sua obra esteve ligada a um modelo histórico-cultural de matiz tradicionalista. Os anos 30 marcaram a viragem na sua produção arquitectónica. A concepção (juntamente com Adelino Nunes e Jorge Segurado) dos novos edifícios para a Emissora Nacional assumiu a consumação da ruptura. Os estúdios da Emissora na Rua do Quelhas ainda permitiam a convivência de formas clássicas com uma espécie de moderno disfarçado. Por outro lado, edifício dos emissores (em Barcarena) assumia a plenitude da modernidade aproximando-se de paradigmas internacionais — com particular destaque para as formulações Mallet Stevens. Individualmente ou em colaboração com Adelino Nunes, Amílcar Pinto desenvolveu também diversos projectos de estações dos CTT, destacando-se os casos da estação de Santarém e da antiga estação de Ponte de Lima.

Após reabilitação de Amílcar Pinto, em 1938, foi inaugurado o Teatro Rosa Damasceno de Santarém. A concepção de vanguarda do Teatro Rosa Damasceno integrava o espaço urbano de forma requintada, em perfeita sintonia, com o urtente. Na realidade, esta é a obra-prima de Amílcar Pinto e a sua primeira abordagem do programa arquitectónico cine-teatro. Haveria ainda de conceber o Cine-Teatro de Almeirim (1940), o Teatro-Cine de Gouveia (1942), entre outros. Estas salas de cinema, numa arquitectura cuidada, traziam a aura da modernidade à província. O período do pós-guerra trouxe o regresso das concepções tradicionais à obra deste arquitecto. Refira-se ainda a autoria da Casa do Campino (Santarém, 1964) obra que assume toda a simbologia da vivência tradicional do Ribatejo. Amílcar Pinto faleceu, na sua Lisboa natal, em 1978.

A 12 de Março do próximo ano assinalar-se-ão os 110 anos do nascimento de Amílcar Pinto, aproveitando a efeméride um grupo de arquitectos, historiadores e críticos de arte gizou a ideia de uma exposição temática. Este designio teve um novo fulgor com a descoberta de parte do espólio de Amílcar Pinto em Fevereiro de 2009. O objectivo principal da exposição será a divulgação dos trabalhos de um arquitecto hoje bastante esquecido, cujo percurso se confunde com a história da arquitectura portuguesa nas primeiras seis décadas do século XX. Ao mesmo tempo, pretendemos alertar e agitar consciências para a degradação crescente de obras como o Teatro Rosa Damasceno (Santarém), o Cine Teatro de Alcácer do Sal ou o Café Central de Santarém. Assim, o Café Central de Santarém foi escolhido para albergar a futura exposição.

“Há alguns dias que a fachada está a descoberto sendo motivo geral de admiração as suas linhas modernas”, foram palavras bem expressivas do articulista do *Correio da Extremadura* aquando da inauguração do espaço. Essa fachada, ostentando um néon com o símbolo, mármores negros da frontaria, aço cromado e pintado de vermelho na caixilharia das janelas e porta giratória, trazia novidade estética e, ao mesmo tempo, um cunho artístico inusitado na urbe. O Café Central, inaugurado em Abril de 1937, ainda hoje é relembrado como espaço de conspiração política, de tertúlia ou de vivência cultural, encontrando-se encerrado há cerca de 4 anos.

Desta forma, foi encontrado outro objectivo da exposição: contribuir para revitalização social deste espaço.

Por outro lado, no contexto desta apresentação importa problematizar o conceito da exposição em análise. *A priori* apresentamos uma linguagem simples, com elementos expositivos gráficos que se integram no ambiente do imóvel. Ao mesmo tempo pressupõe-se que o Café Central, como obra de Amílcar Pinto, seja ele próprio parte do discurso expositivo. A possível reactivação do funcionamento do Café seria uma mais-valia para o projecto, de qualquer modo estará prevista a decoração do espaço de forma o mais similar possível à ambiência dos anos 30.

Esta exposição, sendo perfeitamente esporádica e com carácter temporário, deverá servir para o desenvolvimento da ideia “o museu vai à cidade”. Ou seja, a realização de eventos culturais relacionados com os Museus (desde exposições temporárias, acções educativas ou a manifestações artísticas que se possam conciliar com os programas dos museus) fora do espaço “normal” ou consagrado como museu. Trata-se de uma ideia simples, aliás provavelmente pouco original, mas que ainda não é executada tanto quanto seria desejável. Deste modo, estamos em crer que própria ideia de Museu ganha outra dimensão, uma dimensão urbana e cosmopolita. Aliás um “museu que vai ao café” ou “um museu que vai ao cinema” será uma realidade mais próxima dos utilizadores, do que até as novas experiências de museu no espaço virtual. Na verdade, em Santarém “cidade” é o termo com os seus habitantes coloquialmente designam zona histórica do conjunto urbano. Neste contexto a locução apresentada “o museu vai à cidade” ganha uma carga social ainda maior.

Aproveitar a vida de um arquitecto para uma exposição também não será certamente original, nem incomum. Contudo Amílcar Pinto acaba por representar uma massa anónima de artistas que historiografia oficial vai obliterando. Este projecto recupera memórias, ao mesmo tempo que evocamos a obra, pretendemos também evocar a vida de Amílcar Pinto. Equacionando uma abordagem próxima de experiências recentes no campo da museologia como, por exemplo, o projecto do Museu da Pessoa.

Fontes e bibliografia:

- GUILLAUME, Marc, *A Política do Património*, trad. de Joana Caspurro, revisão e apresentação de Vítor Oliveira Jorge, Porto, Campo das Letras, col. “Campo das Ciências”, n.º 11, Setembro 2003.
- LOPES, Tiago Soares; NORAS, José R., “Amílcar Pinto, o arquitecto na província”, em Monumentos, Lisboa, Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana, n.º 29, p. 172 a 179.
- LOPES, Tiago Soares, *O Teatro Rosa Damasceno de Santarém – significados de uma intervenção*, prova final em Arquitectura apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Porto FAUP, Setembro 2008 [Policopiado].

Café Central (Santarém) 1980.
Fotografias de José Manuel Fernandes



Promenor de planta do balcão do Teatro Rosa Damasceno, Arquivo IGAC

